

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.021

RETRATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE UMA ALAGOAS INTERIORANA: RASCUNHOS JORNALÍSTICOS DA PROFESSORA MARIA MARIÁ (1953-1959)

HEBELYANNE PIMENTEL DA SILVA

Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, hebelyannepimentel@gmail.com.

RESUMO

O texto analisa os elementos autobiográficos na escrita da professora e jornalista alagoana **Maria Mariá**, divulgada durante a década de 1950 no Jornal de Alagoas. Entre 57 publicações encontrados durante a pesquisa, foram percebidos elementos que vinculam a forma de pensamento da personagem estudada, as ideias predominantes no *Manifesto dos Educadores*, publicado em 1959. Além de repensar o planejamento disposto no *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), este sugere maior atenção aos elementos possibilitadores da evolução do pensamento crítico, evidenciando o estudo como ponto central da evolução. A educadora reflete as ideias do tempo, ressaltando pontos de rebeldia ao denunciar o descasso com a educação pública e com a profissão docente, na cidade de União dos Palmares. Pela natureza da investigação documental, o método adotado é o micro analítico, disposto por Carlo Ginzburg (1989, 2006, 2007), em sua especificidade de análise aos pequenos fatos para mais ampla percepção da globalidade social. Embora o recorte temporal corresponda a um período de ensaio de democracia, percebe-se, em observação a trajetória, os diferentes tipos de violência simbólica vivenciados por quem atrevia-se a exercer a docência, fazendo-se concluir que a liberdade de pensamento e expressão não se fez presente entre marginais, e a habilidade escriturária foi um instrumento de resistência.

Palavras-chave: Maria Mariá, Autobiografia, Jornal de Alagoas.

INTRODUÇÃO

“Apenas: ... ISSO?
Apenas pobre,
Apenas mulher,
Apenas *alguém* de interior,
Apenas aquilo que se olha *sem* ver.
Sendo um nada no todo
Um todo no nada.
O que não desejam ser.
Migalhas de um retrato autobiográfico.
Sendo aquilo que não se toca
Que não se deseja perceber.
APENAS”
(SILVA, 02 out. 2023)

Maria Mariá deixou perdidos pelos caminhos de uma década de prosas jornalísticas, rascunhos de vida que nos fazem pensar sobre o que foi. Sobre o que foi a trajetória de uma professora em **União dos Palmares**, interior de Alagoas, durante dez dos seus 76 anos de existência (SILVA, 2021). Em anos passados, os seus escritos foram desconsiderados por Isabel Brandão e Ivira Alves (2002), provavelmente por não se definirem literários. Não se mostravam dentro de métricas tradicionais. Ela era apenas uma provinciana pouco interessante que residia nas bandas do mundaú, como costumava dizer (SILVA, 2021).

Nesse texto, pretendo fazer uma exploração reduzida do que já foi colocado no livro intitulado: **“Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá”** (SILVA, 2021). Uma das primeiras publicações resultantes da pesquisa que desenvolvo desde 2018, em acervos alagoanos, em busca de documentos favoráveis a construção de trajetórias de professoras atuantes em Alagoas durante o século XX, sobretudo a de Mariá. Coloco, nessa peculiar composição, os tópicos com a mesma nomenclatura dos capítulos existentes no livro. Todavia, embora o enunciado pareça indicar que é proposta a escrita de um resumo ou resenha, esse artigo é uma produção independente, que se utiliza das informações expostas do livro, para torna-las mais diretas e ampliar a divulgação, respondendo a indagação que, por vezes, expressa o propósito geral do livro: ***Como a escrita da professora Maria Mariá desvela uma tentativa de conscientização da juventude***

Alagoana acerca da realidade nacional? Busco associar os escritos às ideias e ideais educacionais predominantes na década de 1950, como já fez o livro, com o intuito de continuar a pensar sobre como União dos Palmares configura-se marginal em comparação com demais estados do país. E como Mariá conseguiu notar essa marginalidade, buscando modificá-la.

A memória de Mariá foi preservada por muitos espaços, entre eles destacam-se os jornais, sobretudo, o **Jornal de Alagoas**, por ser o ambiente mais utilizado. A multiplicidade de informações fez existir uma Escola de Prosas. A condição das crianças da escola Rocha Cavalcanti, única instituição existente no município até 1953, sempre tematizada, evidencia o descaso: “[...] não fossem suficientes para os 400 alunos de sua frequência diária, muitas crianças se sentavam à vontade pelo chão” (SARMENTO, 1953/2021, p. 142). Dizem de como foi a rotina de estudantes e docentes. Os textos escritos por Mariá, vão de denúncias à descrições de ações rotineiras no município interiorano.

A pesquisa documental, de caráter qualitativo, ancora-se na ótica perceptiva micro-histórica (GINZBURG, 2006, 2007), indo da parte para à compreensão eficiente da totalidade. É uma escrita atenta aos detalhes, inspirada nos romancistas e cronistas, ao tempo que utiliza publicações jornalísticas como principais fontes. A técnica selecionada para a produção, mantém atenção aos propósitos dos textos e materialidade do ambiente de circulação, como sugerido por Luca (2019). Especialmente pela capacidade que estes possuem de dizer do modo de conservação e organização dos periódicos em acervos, fazendo compreensível a argumentação de Ginzburg (1989), sobre o sentido da busca indiciária. Ela se faz necessária a quem deseja discorrer obre a opacidade (PERROT, 2018). Como recordava Marc Bloch (2001, p. 54): “[...] o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (BLOCH, 2001, p. 54). Caça as promessas de verdade subterradas por inverdades.

As ações e reivindicações de Mariá, são comparáveis, em alguns pontos, as recorrentes entre assinantes do **Manifesto dos Educadores** (AZEVEDO, 2006), sobretudo pela ênfase na democracia e nas reformulações metodológicas. Mas já indicam pontuais contraposições a maneira como as escolas públicas e os profissionais passaram a ser tratados após a modernização do sistema educacional (SILVA, 2021). As redes de sociabilidade e os ofícios de escritora e docente, podem torná-la identificável como intelectual (SIRINELLI, 2003). Uma intelectual atenta à

formação do povo, que deixou impressos, *retratos* autobiográficos de uma Alagoas interiorana ainda opaca.

Na tentativa de favorecer a experiência leitora, o texto organiza-se em três momentos: **Fragmentos de uma trajetória: entre achados e perdidos**, quando apresento características da pesquisa indiciária, por meio dos desafios enfrentados durante a busca pelos perdidos escritos da personagem; **Entre origens e redes de sociabilidade: alfarrábios de uma trajetória**, momento no qual são evidenciadas algumas das redes de sociabilidade estabelecidas pela professora no jornal de Alagoas; **Magistério e jornalismo na trajetória de Maria Mariá: indícios de uma Escola de Prosas**, onde são analisados elementos que levam a percepção de que os textos publicados durante toda uma década, podem ser caracterizados, conjuntamente, como uma espécie de escola.

FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA: ENTRE ACHADOS E PERDIDOS

Foi como encontrar o inesperado, em meio a pistas quase apagadas. Utilizando conhecimentos das mais diferentes áreas: “o historiador da arte recorre à literatura, o historiador da literatura recorre à arte, e ambos recorrem à filosofia quando não conseguem explicar determinados problemas surgidos dentro de suas disciplinas” (GINZBURG, 1989, p. 89). Mariá mostrava os primeiros rastros de sua passagem pela vida, em: prosas que escrevia rotineiramente para o Jornal de Alagoas. Deixava memórias nos documentos escolares. Foi como muitas das mulheres professoras do mesmo período: “[...] a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres” (PERROT, 2018, p.192). Como “célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História!” (PERROT, 2018, p.197). As variadas hemerotecas, nacionais ou internacionais, preservaram textos das mais diferentes personagens, entre as quais destacam-se: Luisa Luise (uruguaia), Gabriela Mistral (chilena), Alfonsina Storni (argentina), Rosália Sandoval (alagoana), Cecília Meireles (brasileira), Noemy M. da Silveira Ruldolfer (brasileira), Armanda Álvaro Alberto (brasileira). É possível sentir maior familiaridade com os três últimos nomes, porque aparecem frequentemente nos documentos escolanovistas da década de 1920 e 1930 (SILVA, 2021).

A forma micro analítica de investigações como estas, ancoradas nas ideias italianas, tornam possível o saborear do passado, sem deixar-se perecer nas

armadilhas aparentemente inocentes da pós-modernidade, que se guia pelo toque subjetivo: “As narrativas históricas não falariam da realidade, mas sim de quem as constituiu” (GINZBURG, 2007, p. 9). Ou pela frieza e elitismo do positivismo: “Trata-se, observava Bloch, de um ceticismo que não toca naquilo que existe por baixo do acontecimento, ou seja, as mentalidades, as técnicas, a sociedade, a economia” (GINZBURG, 2007, p. 10). É necessário sair dos labirintos de ações inconscientes. Apelos para uma historiografia mais equilibrada já eram feitos por Marc Bloch (2001), desde a fundação da *Revista Annales* (BURKE, 2010).

Entre a expressão das realidades do mundo físico e a das realidades do espírito humano, o contraste é, em suma, o mesmo que entre a tarefa do operário fresador e a do luthier: ambos trabalham no milímetro; mas o fresador usa instrumentos mecânicos de precisão; o luthier guia -se, antes de tudo, pela sensibilidade do ouvido e dos dedos. Não seria bom nem que o fresador se contentasse com o espírito do luthier, nem que este pretendesse imitar o fresador (BLOCH, 2001, p. 55).

Eric Hobsbawm (2013, p. 251) ressaltava a importância de Bloch para a intelectualidade jovem de sua geração: “[...] foi-nos apresentado como o maior medievalista vivo, a meu ver, com toda justiça”. Foi dele que partiu inspiração para a terceira geração dos Annales. A última, por sua vez, capaz de valorizar a escrita científica feminina: **Christiane Klapisch, Arlette Farge, Mona Ozouf, Michèle Perrot**. Do olhar de marginais, passou-se a perceber melhor o lugar das margens. As mulheres historiadoras passaram a atentar para os marcadores posteriormente enfatizados como necessários, por Joan W. Scott (1995, p. 11): “O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalavam primeiro o compromisso do(a) pesquisador(a) com uma história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão”. Uma característica interessante na escrita feminina dos anos de 1930, foi a crítica aos pontos patriarcalistas do marxismo. Embora, a percepção às consequências do capitalismo, em muitos casos, fosse mantida (SILVA, 2021).

Mesmo movimento que vai do micro para o macro, sendo favorável aos estudos que pretendem dizer de personagens invisibilizadas, essa escolha técnica não distancia o olhar aos problemas de classe: “Na medida em que aceitamos que estamos estudando o mesmo cosmo, a escolha entre micro e macrocosmo é uma questão de selecionar a técnica apropriada” (HOBBSAWM, 2013, p. 265-266). Falar sobre mulheres é falar sobre precarização. Precarização da vida e das condições

de trabalho. Precarização exposta por meio das experiências de *Ducineia Bibiano Costa*, em União dos Palmares durante a década de 1950 (SILVA, 2021). Ou por meio da trajetória de Rosália Sandoval e da própria Mariá (Idem). A primeira colocava em literatura suas reflexões e confessava que era nos livros que buscava refúgio para os dias comumente difíceis:

A capa de alguns deles parecia ornada com motivos á Gobelias. Outras apresentavam-se garridas, lembrando escabrosidades de rocha que as ondas açoutam impiedosamente. Outras faziam lembrar, na depressão grotesca, figuras que as creanças com certa vaidadesinha de artista, traçam com giz ou carvão, nos passeios da rua (SANDOVAL, 1927).

O modo como a professora descrevia os livros, deve ser o mesmo como precisamos escrever os fatos históricos. Inspiração também nos dada por Guimarães Rosa, Tolstói, José Saramago. A ficção que favorece a percepção da realidade, com sua atenção aos *não ditos* e aos *interditos*, como já aconselhava Certeau (2017). A partir das orientações, Mariá foi buscada em acervos locais, estaduais e nacionais: **Casa Museu Maria Mariá, Secretaria de Cultura Palmarina, Biblioteca Municipal Jorge de Lima e Escola Estadual Rocha Cavalcanti, Arquivo Público de Alagoas (APA), Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos (BPEGR), Biblioteca Nacional (BN)**. Em fontes de variada categoria. Os textos mais importantes estavam nos jornais, sobretudo pela quantidade (SILVA, 2021). Lidos em sequência eles parecem compor uma autobiografia espontânea da autora, durante toda a década de 1950. Mostram como foi se construindo cidadã crítica a subalternidade que a afetava profissionalmente e socialmente. Era mais uma das **mães do Estado** (Idem). Violência mascarada pela "lhaneza no trato" (HOLANDA, 2014, p. 176), comum entre brasileiros, em sua vocação para cordialidade.

Buscavam, na religião, forças para a manutenção da rotina desgastante: "Muéstrame posible tu evangelio en mi tiempo, para que no renuncie a la batalla de cada día y de cada hora por él" (MISTRAL, 1919, p. 35). O salário que recebiam servia apenas como complementar a remuneração dos seus patriarcas. Disso nasce a pressão pelo precoce casamento feminino. Apenas por meio dele, as mulheres poderiam alcançar vida estável, mesmo as burguesas (SILVA, 2021). Fenômeno que faz recordável a teoria de Pierre Bourdieu (1989, p. 15): "[...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica),

graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário”. Agressões transpostas de normas sociais. A elas foram dadas muitas adjetivações, sobretudo quando se atreviam a criticar o que as marginalizava em suas humanidades: loucas, hereges, rebeldes. Pronominalmente foram indefinidas: *isto*. Foram mais objeto que autoras. O marcador social que as unificava era o de gênero. Eram coisificadas inclusive no trato: *aquilo*.

ENTRE ORIGENS E REDES DE SOCIABILIDADE: ALFARRÁBIOS DE UMA TRAJETÓRIA

As relações estabelecidas no Jornal de Alagoas foram profícuas ao reconhecimento local, regional e nacional. Mulheres como Mariá sabiam o que era necessário para o lugar que habitavam. Diziam da marginalidade na condição de marginais. O mesmo se percebe em outros personagens, também do sexo masculino, como é o caso do Menocchio, resgatado entre os documentos da inquisição (GINZBURG, 2006). Eram indesejáveis por uma elite que precisava manter privilégios. Foram pessoas que, em diferentes momentos da História, mostraram, sem intencionalidade, o que a intelectualidade significa.

A intelectualidade produz a solidão, por decorrer do contato com ela. Por levar ao mais íntimo da dimensão humana. Talvez, não como um fenômeno absolutamente individual, dado o contato profundo com a realidade, e com os que sobre ela pensaram em outrora. Pode-se dizer que é uma espécie de solidão coletiva. Solidão em meio a multidões. É na intimidade com o que si é profundamente, que o encontro com a visualização límpida do real, acontece. O que se entende aqui como intelectualidade, é a expressão da tentativa de compreensão de como se estabelecem as formas de ser e estar, sociais. A intelectualidade é, portanto, uma impulsiva força que move os sujeitos no sentido oposto ao que pode ser definido como comportamento comum (SILVA, 2021, p. 61).

É uma qualidade que está em “hereges” e “bruxas”. Está entre os pedaços de nada no nada. Sempre foi conquistada de maneira mais verdadeira pelos que ocuparam o estado de morte, em vida (SILVA, 2021). De tal condição se percebe melhor as injustiças. Essas pessoas encontraram nas páginas de jornais, espaços para a troca de ideias. Como recordado por Luca (2019, p. 140): “[...] empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem

peessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”. Nelson W. Sodré (1999), grifava o seu percurso de interferências contraditórias. Vínculo responsável por formular uma rede de relações, capaz de interferir na construção de mentalidades de viventes em uma época, tempo e espaço, específicos. Faziam público o que não era desejável por alguns grupos. A intelectualidade pode levar ao exercício da justiça ou da injustiça. Muitas foram as maneiras de pensar a sua existência no decorrer da história. Para tanto, fez-se necessário recorrer a diversidade epistemológica: “[...] tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 2003, p. 232). É um subcampo da historiografia que se situa entre a individualidade e a coletividade: “[...] empreendida pela via indireta da história dos engajamentos individuais, ela se situa – duplo efeito! – no cruzamento da biografia e do político” (SIRINELLI, 2003, p. 234). Definível pelo engajamento, passou a abrigar um conjunto de pessoas, por longa data, pouco percebidas: os intelectuais locais.

Esses tornaram-se atentos a realidade em sua estrutura a partir do contato com o conhecimento historicamente acumulado, como denomina Saviani (2018). Em muitos casos, ultrapassando o que a escolarização lhes possibilitava, dadas as reformas ocorridas a partir de meados do século XX, que maximizava a técnica e subalternizava a teoria (Idem). Assim como os bens materiais, o estudo sempre foi uma utopia entre margens, inegavelmente pela possibilidade de libertação disposta por ambos. Antônio Candido (2011, p. 193) recordava: “[...] temos de um lado os mais altos níveis de instrução e de cultura erudita, e de outro a massa numericamente predominante de espoliados, sem acesso aos bens desta, e aliás aos próprios bens materiais à sobrevivência”. O escolanovismo, inspirado nos ideais liberais, acabava por propor agravante a situação dos oprimidos, quando investia na elementar capacitação destes para funções manuais, em escolas públicas. John Dewey (1979, p. 13-14), que inspirava o modelo de democracia defendido no manifesto de 1932, deixava clara a sua intenção: “Precisamos, por isso, descobrir alguma diferença essencial entre o adestramento e a educação”. Contrapunha-se aos métodos tradicionais, portanto, a democracia seria concretizada na liberdade de expressão, mas a pouca atenção dada a formação clássica eliminava a possibilidade de libertação do pensamento, em alguns grupos. Antonio Gramsci (2004, p. 33) anunciava o fenômeno: “A tendência atual é a de abolir qualquer tipo de escola ‘desinteressada’ (não

imediatamente interessada) e 'formativa', ou de conservar apenas um seu reduzido exemplar, destinado a uma pequena elite".

A escola que antes era repressiva e encontrava-se entre as tristes memórias de alguns intelectuais do século XX, sendo denunciada por meio da escrita de antigos estudantes (SILVA, 2021), passava a ser alegre, para alguns, e pouco eficiente para pobres. A literatura e a filosofia eram transparecidas na escrita de professoras, a título de exemplo está Cecília Meireles (2016, p. 40): "Homero é a rapsódia grega, é a concentração de tudo que o povo sonhou, imaginou, viveu, transformando em narrativa tradicional, antes de se converter em poema épico". Essas professoras que escreviam para jornais ou para editoras literárias, eram evidências de como a formação clássica pode fazer o humano ultrapassar limites postos pelas desigualdades. Havia, em algumas delas, a percepção das agressividades às suas existências, assim como ilustrou, posteriormente, a história de **Menocchio** (GINZBURG, 2006) e de **Raskólnikov** (DOSTOIÉVSKI, 2016). A indignação lhes movia. Mas era uma indignação a tudo o que dizia respeito a escola tradicional, e nisso está o equívoco.

Maria Mariá, reconhecendo a formação como elemento central para a libertação do pensamento, defendeu o que considerou significativo no escolanovismo. Em 57 textos publicados no *Jornal de Alagoas* durante a década de 1950, expôs suas ideias. A escrita foi parte dos seus dias comuns e a ausência dela também dizia das vivências de uma docente: "O pessoal da terra está sentindo falta da coluna de União dos Palmares nesta 'Página dos Municípios'. O sumiço é motivado pela velha causa: falta de tempo para escrever" (SARMENTO, 1957/2021). Além da **Página dos Municípios** do *Jornal de Alagoas*, também publicava textos no *Correio Lajense*: "Começo pela vizinhança, ou seja, o 'Correio Lajense', importante órgão editado em São José da Lage e de que sou colaboradora, atendendo a um convite, honroso para mim, de seu diretor-proprietário, snr. Bernardino de Souza Ferreira" (SARMENTO, 1956/2021). Entre os inúmeros temas abordados, um ponto se sobressai: O olhar destinado a marginalização.

Na crônica **Retratos do Brasil**, primeiro texto localizado na pesquisa sobre a personagem (SILVA, 2021), ela ressalta como é a vida das pessoas de origem interiorana e como suas perspectivas limitam-se pela condição originária.

Que nos adiantam congressos, convênios, reuniões sobre isto e aquilo, se o nosso caboclo não recebe nenhuma assistência, se os donos da Patria teimam em não tomar conhecimento de suas necessidades? Melhor fora não tivesse o velho Pedro Alvares Cabral descoberto esta

terra privilegiada, onde suas riquezas clamam, lá de suas entranhas, por braços fortes, amigos, para que, larga e generosamente, eles sejam recompensados. Disse o mestre Monteiro Lobato que o Brasil atravessou inúmeras fases de sua controvertida indiferente, cigarro de palha no canto da boca, acocorado à soleira do casebre, cuspinhando e “maginando”, maginando”. Se lhe perguntavam por que não consertava o casebre cai-mas-não-cai ou por que não ia trabalhar a terra, ele respondia que não pagava a pena (SARMENTO, 1956/2021, p. 220).

No trecho também se evidencia a formação da docente. A História que conheceu foi escrita a partir do olhar dos vencedores. Mas ela a utilizava para manifestar críticas favoráveis aos vencidos. A Escola Normal que a formou, já havia titulado *Manuel Balthazar Pereira Diégues*, pai de *Manuel Balthazar Pereira Diégues Júnior* (SILVA, 2021), que por sua vez, apresentou importantes obras sobre a geografia alagoana nos anos correspondentes aos de atuação de Mariá (Idem). A partir dele descobrimos que, embora União dos Palmares apresentasse maior quilometragem que Maceió até meados do século XX, a sua população era inferior. Mesmo com o grande espaço, economicamente o município já era dependente da capital, sobretudo pela ampliação da miséria provocada pelas constantes crises pandêmicas vivificadas no século XX. As publicações da professora foram *retratos* de uma autobiografia, e denúncias a condição de invisibilidade do interior de Alagoas.

MAGISTÉRIO E JORNALISMO NA TRAJETÓRIA DE MARIA MERIÁ: INDÍCIOS DE UMA ESCOLA DE PROSAS

Construir uma escola por meio de prosas jornalísticas, e interferir na formação de quem lia os impressos na época, foi o que fez Maria Mariá durante a década de 1950. Ela foi um som no silêncio de um lugar que se sentia menor frente a amplitude social. Não foi a única que chamou atenção na imprensa ao dizer dos dias comuns. Rosália Sandoval também o fez: “Num desses momentos é que visitei a pequena estante de meus antigos livros didáticos, esquecidos de há muito, como os sapatos que atiramos a um canto, com a intenção de usá-los alguma vez em que noite invernososa” (SANDOVAL, 1927). Os escritos que pareciam rotineiros, eram acessados por quem acompanhava as notícias jornalísticas, e acabavam interferindo sutilmente na construção do pensamento de leitores. A maneira como a formação acontecia, nas atividades não necessariamente intencionalizadas, já era pensada pelos defensores da escola Nova: “Em primeiro lugar, há que compreender

essa palavra “formação”, em toda a sua amplitude. Formação cultural, formação técnica, – mas, acima de tudo, – formação da personalidade, constituição do caráter” (MEIRELES, 1930/2001, p. 163). A Escola Moderna deveria ressaltar os outros espaços de construção de conhecimento, provavelmente por esse motivo havia investimento na fundação de Bibliotecas Públicas (SILVA, 2020). Além disso, as pessoas que exerciam o magistério precisavam evidenciar características de pureza e bondade, como bem se faz notável na escrita de intelectuais, exposta na Revista de Ensino de Alagoas (SILVA, 2022). E Cecília Meireles (1930b, p. 163) ressaltou em muitos textos: “Professor que não aparece diante de seus alunos com uma auréola de pureza e respeito perenemente luminosa não deve ter a esperança de influir beneficemente no seu destino”.

As escolas que se assemelhavam ao lar, precisavam manter o quadro de funcionários com significação semelhante a de famílias (SILVA, 2021). O público alvo as instituições públicas com tais características eram as crianças pobres, filhas de operários:

A Escola Regional de Meriti tem por máxima aspiração ser reproduzida em todo o país. Que os fazendeiros, os industriais, os capitalistas fundem escolas para os filhos dos seus colonos, sitiantes, operários, empregados. Peçam aos poderes públicos ou aos centros de educação, como a Associação Brasileira de Educação, os programas, mesmo as professoras, mediante entendimento com o governo” (ALBERTO, 2016, p. 53).

Até o início do século XX, as meninas recebiam formação literária e pode ser que isso tenha influenciado na capacidade de escrever produções de tais gêneros, quando se tornavam adultas. Anna Bilhar ressaltava as disciplinas ofertadas pela escola que estava sobre sua direção em 1908: “[...] madame Bilhar leccionará no mesmo estabelecimento de ensino a alumnas externas, mediante convenção prévia, as seguintes matérias: **Francez e inglez, literatura, sciencias naturais, physica e chimica**” (BILHAR, 1908, grifo meu). Ainda assim, a educação feminina ancorava-se nas necessidades do lar, como bem recordava Beviláqua (1907, p. 1): “[...] e, mesmo nas classes aristocráticas, muitas vezes somente se cuidava da instrução do menino. As meninas eram preparadas para serem dona de casa, cresciam em geral quase que completamente analfabetas”. O manifesto que pretendeu publicizar a escola e tornar melhor em qualidade a Educação, contradizia-se ao propor uma formação que deveria ser simplificada. O argumento de John Dewey (1979, p. 22) tornava clara a percepção defendida pelo escolanovismo: “À proporção que uma

sociedade se torna mais esclarecida, ela compreende que importa não transmitir e conservar todas as suas realizações, e sim unicamente as que importam para uma sociedade futura mais perfeita”. Essa é uma proposta diferente da que colocava Antonio Gramsci (2004), ao defender uma *Escola Unitária*.

Como leitora crítica da realidade social, Mariá foi contraposta ao controle aos corpos docentes e a secundarização da formação clássica (SILVA, 2021), embora adotasse, da Escola Nova, a ideia metodológica. Ressignificou, em ações docentes, a formação recebida pela Escola Normal de Maceió entre os anos de 1932 e 1935. É possível dizer que, pelo autodidatismo, a professora tornou-se uma cidadã crítica. Não foi a única amante dos livros. Sandoval também seguiu pelo mesmo caminho, embora tenha construído uma percepção diferenciada da realidade: “Há tempos não visitava uns antigos companheiros – os meus velhos livros de estudo. Parece que às vezes despertamos com vontade de ter saudades. Como que há dentro de nós mesmos uma sede de recordar, de sentir” (SANDOVAL, 1927). Em Mariá, a saudade dos livros e da escrita, em alguns momentos, era subterrada pela sobrecarga diária, decorrente da profissão docente (SILVA, 2021). Entre os 57 textos divulgados durante a década, em alguns eram expostos os seus lamentos pela ausência de disposição para a atividade escriturária (Idem).

As professoras que liam os textos de Mariá, na década de 1950, podem ter enxergado nela um modelo de resistência, não por ventura manifestavam repúdio as punições implementadas pelo Estado as suas ações atípicas (SILVA, 2021). Ela deixava claro, nas entrelinhas das prosas, as dificuldades sentidas para manter-se atuante e em paz de ante de tantos julgamentos: “[...] ainda não “estiquei as canelas” (como certamente pensaram), o que não pretendo tão cedo, nem tão pouco mudei de residência, pois minhas raízes aqui são seculares, de forma que me sinto prêsa a esta terra por muitos e muitos anos” (SARMENTO, 1959a/2021). Em suas idas e vindas, recebia o apoio de alguns amigos, no Jornal de Alagoas: “Após vários meses de ausência, União dos Palmares volta novamente a ocupar seu lugarzinho em nossa ‘Página’. Foram os colegas **Rubens, José Branco, Hélio Teixeira** e outros que me trouxeram de volta ao nosso colóquio domingueiro” (Idem, grifos meus). Por ser a imprensa um ambiente masculinizado, os homens estavam entre suas principais menções de amizade.

No ano de 1956, quando foi exilada por mostrar para alunas uma fotografia utilizando maiô (SILVA, 2021), o Jornal de Alagoas publicou a revolta da população em relação ao ocorrido: “O governador Antonio Gomes declarou que a população do

município de União dos Palmares estava revoltadas com as ocorrências que culminaram com a transferência da Professora Estadual Maria Mariá de Castro Sarmento” (DENUNCIADA..., 18 abr. 1956). A indignação pública também era evidenciada por meio dos protestos estudantis: “Após esperarem duas horas nos bancos da praça dos Martírios, os rapazes resolveram pedir a ajuda de outro alto funcionário do Governo, que os encaminhou á presença do Chefe do Executivo” (GINASIANOS..., 19 abr. 1956). Após a ocorrência, quando retornou ao município de União dos Palmares, não publicou textos discorrendo sobre o acontecimento na Página dos Municípios (SILVA, 2021). Preferiu escrever sobre os problemas ambientais que afetavam a região: “Em nosso município e, certamente, em outros do Estado, o verão deste ano se tirou um pouquinho, de maneira que fez o nosso matuto ficar alarmado ante a perspectiva de uma sêca, destas que comumente arrazam o Nordeste Oriental brasileiro” (SARMENTO, 1956a/2021).

Em outras prosas, descrevia situações de miséria, buscando mostrar o descaso com os cidadãos residentes no interior: “Por que os enfermos do nosso Hospital passam fome e não têm sequer um pouco de agua para as necessidades mais prementes? Incuria dos Poderes Publicos? Falta de amor e de caridade do nosso povo?” (SARMENTO, 1959/2021). Pensava e fazia pensar sobre disparidade de classe: “[...] o número de mendigos cresce assustadoramente nas ruas desta cidade que caminha a passos largos para um futuro promissor” (SARMENTO, 1954/2021). Era um olhar sensível e indignado como poucos de seu lugar de origem. O caráter conscientizador dos textos os tornava próximos a segunda onda escolanovista, disposta no Manifesto dos Educadores, publicado em 1959, com a assinatura de 161 pessoas entre as quais estavam: **Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Nelson Werneck Sodré, Antonio Candido de Melo e Souza** (SILVA, 2021). Os feitos da personagem como jornalista eram comentados no Diário de Notícias por Mariza Lira:

Maria Mariá de Castro Sarmento – União dos Palmares – A sua carta entusiasmou-me, mais ainda porque vejo nas suas palavras uma alma pura e boa. Peço-lhe que me mande algo sobre os trovadores de sua terra, estou pensando nos travadores deste Brasil, tão grande, mas tão querido. É um assunto que vem prendendo a minha atenção já há alguns anos. Muito agradecida pelas suas palavras amigas e continue, enviando o que lhe for possível (LIRA, 1958).

De uma *Cidadezinha Qualquer*, a professora fez surgir atenção aos problemas de um município que, por vezes, parecia pouco visível em meio a outros e as

demandas da capital. Já percebia os resultados positivos dos feitos: “[...] de tanto eu reclamar, através desta coluna, as coisas a que União dos Palmares tem direito, vejo que minhas batalhas não foram infrutíferas. Tanto que, aos poucos, estão reaparecendo os homens de fibra que tanto impulso deram, em tempos idos” (SARMENTO, 1956/2021). Embora o acesso a jornais fosse limitado aos letrados, os escritos da mestra podem ter favorecido a conscientização de colegas de trabalho, alunos e demais pessoas que liam e escreviam para jornais. Ao mesmo tempo, em conjunto, as produções caracterizam-se como retratos de uma autobiografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre **professoras** alagoanas que vivenciaram situações de **pobreza** pode parecer **pleonasma**. Passaram-se tantas décadas, desde os anos de 1950, e continuamos a ler as prosas jornalísticas da personagem apresentada, como se estas dissessem do que vivenciamos na atualidade. Me parece que olhamos pouco para os reais problemas que nos afetam a longa data. Os problemas da estrutura capitalista. O problema provocado por quem ocupa posições de **poder**. Pode ser que tenhamos apresentado, de modo singelo: o **nosso lamento**, as nossas dores, as **nossas indignações**. Pode ser que tenhamos gritado pouco, gritado baixo. **Perdemos a voz** diante das numerosas necessidades rotineiras. Nos fragmentos restantes da trajetória de Maria Mariá, vemos retratos autobiográficos de dor. Da dor de ser **mulher**, e de exercer a docência em um país que passava a desvalorizar a profissão. Dor de ser **alguém** que se olha sem **ver**. Alguém que está nos **achados** e nos **perdidos**. Em alfarrábios. Alguém que se manifesta a partir de origens e de redes de sociabilidade, nos fazendo viver momentos de uma dada periodicidade. Ela retratou a realidade interiorana, em suas paisagens nitidamente esmigalhadas. Paisagens de **inocências pisadas**. Evidenciar esses retratos, culminou em ações formativas. Disso deriva a percepção da Escola de Prosas. Escola constituída no campo das ideias, por meio do potencial de influência dos textos nas vivências comuns.

A sensibilidade percebida na escrita da professora, decorre das vivências como **marginal**. Embora não derive de família pobre, o ofício somado as atitudes de rebeldia, a colocavam em um lugar de **estranha**, de pouco ou nada aceitável. De **alguém** que não se deseja perceber. É difícil notar o que nos coloca culpa. Por esse motivo, capitalistas nos olham sem ver. Entre os escritos me percebo melhor como

cidadã brasileira de **origem interiorana**. Mepercebo como mulher pobre. O encontro com a personagem possibilitou o encontro comigo. Ou melhor, com a visualização crítica à minha condição de subalternidade, em uma **sociedade de classes**. Assim também podem ter sentido pessoas comuns do tempo estudado. A trajetória de Maria Mariá, torna mais visíveis os problemas provocados pela organização social liberal emostrar como ele interferiu na construção de uma identidade inferiorizada para a docência, utilizando-se de ideias do escolanovismo, projeto que pretendia elevar o nível da educação etornar mais acessível a escola. Embora seja uma escrita divulgada no intervalo de **ditaduras**, conseguimos perceber que a democracia se perdia em meio as variadas faces da opressão. A educação libertadora e a valorização ao trabalho docente continua sendo uma utopia, **APENAS**.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Armanda Álvaro. Á. Tentativa de escola moderna. In: ALBERTO, A. Á. (org.). **A Escola Regional de Meriti**: documentário 1921-1964. Brasília, DF: MEC, 2016. p. 45-53.

AZEVEDO, Fernando de. et. al. **Manifesto dos Educadores**: Mais uma Vez Convocados (Janeiro de 1959). Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. esp., p. 205-220, 2006a.

BEVILÁQUA, Amélia de Freitas. Instrução e Educação da Infância. In.: BEVILÁQUA, Clóvis; BEVILÁQUA, Amélia de Freitas. **Literatura e Direito**. Salvador: José Luiz Fonseca Magalhães, 1907.

BILHAR, Anna. Collegio N. S. de Lourdes. **Jornal do Ceará**, Fortaleza, 6 fev. 1908. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/231894/2245>>. Acesso em: 2 abr. 2021.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: DEFIL, 1989.

BRANDÃO, Izabel, ALVES, Ivia. (Org.). **Retratos à margem:** antologia de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950). Maceió: EDUFAL, 2002.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a revolução da historiografia. 2. ed. Tradução de Nilo Odalia. São Paulo: Unesp, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** 3. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

DENUNCIADA agressão que teria sofrido um professor em União dos Palmares. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 18 de abr. 1956.

DEWEY, John. **Democracia e Educação:** Introdução à filosofia da Educação. 4. ed. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo.** 7. ed. São Paulo: 34, 2016.

GRAMISCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GINASIANOS... **Jornal de Alagoas**, Maceió, 19 abr. 1956.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. 4. ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros:** verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. 1. ed. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

HOBBSAWM, Eric John. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LIRA, Mariza. O Instrumental musico popular do Brasil. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, 21 set. 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/76274>. Acesso em: 24 abr. 2022.

LUCA, Tania Regina de. **Fontes Impressas**: História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

MEIRELES, Cecília. Formação do professor [I]. *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1930. In.: _____. **Crônicas de Educação**, 3. Seleção e organização de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001. p. 163-164.

MEIRELES, Cecília. O exemplo moral. In.: _____. **Problemas da literatura infantil**. 4. ed. Seleção e organização de André Seffrin. São Paulo: Global, 2016, p. 40-42.

MISTRAL, Gabriela. La oracion de la maestra: a César Duayen. Punta Arenas, enero de 1919. In.: _____. **Gabriela Mistral**: Magisterio y Niño. Seleção e organização de Roque Esteban Scarpa Straboni. Santiago: Editorial Andres Bello, 1979, p. 35-36.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. 8. ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SANDOVAL, Rosália. Traças: a minha estante. **Vida Domestica**: revista do lar e da mulher. Rio de Janeiro, out. 1927.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. A respeito de jornais. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 28 out. 1956. In.: SILVA, Hebelyanne Pimentel da. **Uma década de prosa**: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. 15 de setembro. *Jornal de Alagoas*, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 7 nov. 1957. In.: SILVA, Hebelyanne Pimentel da. **Uma década de prosa**: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Mendicância, um flagelo. **Jornal de Alagoas**, seção intitulada Página dos Municípios, Maceió, 6 jun. 1954. In.: SILVA, Hebelyanne Pimentel da. **Uma década de prosa**: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Notícias Palmarinas. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 15 jul. 1956a. In.: SILVA, Hebelyanne Pimentel da. **Uma década de prosa**: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Queixas e Reclamações. **Jornal de Alagoas**, Maceió, 30 ago. 1959. **Uma década de prosa**: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021.

SARMENTO, Maria Mariá de Castro. Retorno. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 15 ago. 1959a. In.: SILVA, Hebelyanne Pimentel da. **Uma década de prosa**: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43. ed. São Paulo: Autores Associados, 2018.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, vol. 20, n. 2, jul./dez. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 1995.

p. 71- 99. Tradução de Guacira Lopes Louro. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/71721>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da. A escrita de intelectuais alagoanos: fragmentos da democracia liberal e suas contraposições (1930–1932). **Revista Cocar**, Belém, PA, v.16. n.34, p.1-19,2022.DOI:<https://doi.org/10.31792/rc.v16i34>.Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5109>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da. A fundação de bibliotecas públicas em Alagoas: reivindicações e denúncias da educadora Maria Mariá (1953-1959). 1. v. 1. n. **Research, Society and Desenvolvement**, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7186>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da; MACHADO, Charliton José dos Santos. A intelligentsia feminina na escola nova: uma leitura sem margens das crônicas de Cecília Meireles (1930-1932). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, n. 00, p. e022006, 2022. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8659963. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8659963>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da. SENDO: apenas. **Editoria Livre**, São Paulo, 02 de outubro de 2023. Disponível em: <<https://editorialivre.com.br/sendo- apenas/#.ZRqoNXbMJPY>>. Acesso em: 02 de outubro de 2023.

SILVA, Hebelyanne Pimentel da. **Uma década de prosa**: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959). Fortaleza: EdUECE, 2021.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In.: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.